

O CENTRO ESPIRITA NÃO É MANICÔMIO DE ILUDIDOS



O Centro Espírita precisa ser, definitivamente, compreendido como um local de esperança na densa noite das angústias e dores humanas, por ser o ponto focal da mensagem do Consolador Prometido. Porém, é, exatamente, nas casas espíritas, onde o Movimento Espírita deve se consolidar, que acontecem as mais equivocadas práticas "doutrinárias".

Um gravíssimo problema desse processo decorre daqueles que assumem responsabilidades com a direção dos trabalhos, sem os obrigatórios recursos morais, culturais e doutrinários. Confrades que introduzem práticas inoportunas nos núcleos espíritas, tais como: preces cantadas, paramentos especiais (terno e gravata, roupas brancas, etc.), debates de política partidária, jogos de azar (bingos, rifas, tómbolas, etc.), e, até, desfiles de moda, são irmãos que sedimentam a confusão doutrinária nos solos, impondo idéias absurdas como se fossem princípios

espíritas, e sempre aceitando "novidades" e "revelações" não comprovadas. Isso, sem citarmos a publicação de livros anti-doutrinários, por meio dos quais se promove a exaltação da fantasia mediúnica.

O Espiritismo não comporta "terapêuticas" nas Casas Espíritas, como: piramideterapia, cristalterapia, cromoterapia, musicoterapia, hidroterapia, desobsessão por corrente magnética, apometria, choques anímicos, etc. Enxertá-las nas Instituições Espíritas, como se prática Espírita fossem, é atitude irresponsável de pessoas autoritárias.

Sabemos que a Doutrina Espírita é princípio máximo da liberdade de pensamento. Inexistem proibições no bojo dos conceitos doutrinários, e, por isso, sentimo-nos mais livres, até porque, não devemos explicações de conduta ou comportamento, pois a consciência individual é nosso guia. Todavia, sabemos que as conseqüências de nossas atitudes, inevitavelmente, advirão, tanto no bem como no mal proceder. Porém, do fato de cada um cuidar da própria conduta, será que ninguém tem o direito de cobrar uma mudança de comportamento mental dos que insistem no erro na Casa Espírita? É redundante dizer que numa Instituição de orientação Espírita devemos aprender a conviver na diversidade, na pluralidade, respeitando peculiaridades, diferenças e necessidades das mais diferentes áreas de trabalho, considerando, principalmente, as individualidades. Todavia, creio ser imperioso colocar a causa acima do indomável pendor místico, do personalismo e do autoritarismo.

A ausência de comprometimento e fidelidade à Doutrina

Espírita é visível neste momento crucial. Como disse acima, a prática doutrinária vem sendo substituída por práticas exóticas e, necessariamente, malsãs, ocasião em que sobressaem muitos interesses escusos e pessoais, perturbando o dia-a-dia e a demanda do serviço da Casa Espírita.

Urge colocar a necessidade de estudo, juntamente, com análise e avaliação dos trabalhos executados, no Centro, em nome de Jesus e Kardec. A Terceira Revelação deve ser estudada incansavelmente; deve ser analisada e praticada em toda a sua extensão, em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional e social.

No trabalho em grupo, o individualismo prejudica, inequivocamente, o trabalho de equipe e não se logra sucesso nas atividades em desenvolvimento. Destarte, é imprescindível que medidas sejam, antecipadamente, estabelecidas para que o personalismo exacerbado não prejudique o conjunto, que deve primar, a cada dia, pelo aprimoramento de todos e das atividades do Centro.

O Centro Espírita será o que dele fizermos. A propósito do tema mediunidade, importa esclarecer que o seu exercício não admite atitudes levianas, nem comporta insensatez nas suas expressões. Exige, sim, um estudo contínuo dos seus mecanismos. Infelizmente, o projeto socorrista dos médiuns está sendo preterido pelo "vedetismo", fruto da falta de conhecimento, da ignorância e, até, da irresponsabilidade de dirigentes e cúmplices desatentos. Não custa lembrar que a prática Espírita sem a devida base moral será, inevitavelmente, uma incursão permanente no

mundo do erro e, conseqüentemente, das sombras.

O Centro deve ser uma escola no sentido absoluto da palavra, isto é: destinado a formar e edificar almas, educando todos os seus trabalhadores e freqüentadores, pois todos são aprendizes, enquanto o Mestre é Jesus. Por isso, quem está, moralmente, mais preparado para ensinar, não pode ser aquele que passa o conhecimento de modo autômato e sem compromisso sério, que instrui quem está menos adiantado, caracterizando a Doutrina Espírita como sendo uma simples informação a transmitir.

O Centro Espírita não pode ser tomado como simples local onde se atendem Espíritos desencarnados, administra-se a caridade dativa, toma-se água fluidificada e aplicam-se passes. Tudo isso faz parte e é, altamente, relevante. Todas essas atividades devem ser associadas a uma programação educativa e com processos pedagógicos e didáticos adequados a cada tipo de ação. Desse modo, os Centros Espíritas se elevam ao nível das agências clássicas do lar, do templo e da escola convencional, para alcançarem a extensão transcendental de verdadeiras academias de formação espiritual e não manicômio de iludidos.

Jorge Hessen

E-Mail: jorgehessen@gmail.com

Site: <http://jorgehessen.net>

Blog:

<http://jorgehessenestudandoespiritismo.blogspot.com>